

---

## **A linguagem como instrumento na construção da realidade no livro *Abusado*, de Caco Barcellos<sup>1</sup>**

Arcéli da Silva RAMOS<sup>2</sup>  
Sione GOMES<sup>3</sup>

Universidade Franciscana, Santa Maria, RS

### **Resumo**

O presente trabalho visa alcançar a compreensão da importância da linguagem para a construção da realidade através do livro-reportagem *Abusado*, de Caco Barcellos. Procura-se responder: qual a importância e como a linguagem colabora com a construção da realidade retratada no livro? Para tal, buscou-se aporte teórico em Pena (2011), Wolfe (2005), Proença Filho (1997), Lima (2004), Lage (1993) e Berger e Luckmann (2008). Utiliza análise de conteúdo, apoiada aos conceitos de Bardin (2004), aliada os meios de análise de narrativa sugeridos por Gancho (1995). Conclui-se que a linguagem é importante para a construção da realidade que é retratada no livro, pois atua como uma representante do local, das vivências, da personalidade e dos sentimentos dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Jornalismo Literário; Linguagem; Construção da realidade; *Abusado*; Caco Barcellos.

### **Introdução**

Não podem ser numeradas todas as vezes que surgiu o questionamento sobre a escolha do Jornalismo como formação. Uma pergunta frequente em quatro anos do percurso inicial dessa trajetória. A resposta: contar histórias. Porém, maior que a vontade de contar histórias é o desejo de descobrir qual a melhor maneira de contá-las.

Neste trabalho, foi investigada a importância da linguagem para a construção da realidade no jornalismo literário, tendo adotado o como objeto de estudo o livro-reportagem *Abusado*, de Caco Barcellos. *Abusado*, um dos modos utilizados para se referir ao traficante Juliano VP e que estampa a capa da obra. *Abusado*, adjetivo e substantivo masculino, que pode ser substituído por “atrevido”. Nas primeiras aulas do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Acadêmica do 8º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Franciscana - UFN, e-mail: [arceliramos1994@gmail.com](mailto:arceliramos1994@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho e professora do Curso de Jornalismo da Universidade Franciscana - UFN, e-mail: [gomes.sione@gmail.com](mailto:gomes.sione@gmail.com)

---

curso de Jornalismo, aprendemos a não utilizar (ou ao menos evitar) adjetivos no texto, não fazer juízo de valor. A escolha de colocar “Abusado” na capa de um livro-reportagem, gênero jornalístico, é mais do que um título, um apelido ou um adjetivo. Abusado é metalinguagem, a obra falando dela própria.

As escolhas de palavras, gírias e palavrões não acontecem em vão, ou pelo menos não participam da construção da narrativa somente como recurso estético. Partindo de preceitos que regem a prática do jornalismo – imparcialidade, objetividade e concisão –, *Abusado* é um ato de resistência. Desafia as normas, como prega o jornalismo literário caracterizado por Wolfe (2005) e Pena (2011).

Com objetivo de analisar a importância da linguagem na construção da realidade, o presente trabalho conclui que sim, a reprodução de termos, gírias, expressões e xingamentos naturais da oralidade dos moradores da favela são importantes para a construção da narrativa, como bem da realidade retratada na obra.

### **Jornalismo Literário**

Para compreender o que significa o jornalismo literário dentro de um contexto jornalístico, é necessário recapitular os princípios e as regras básicas do jornalismo. Sua principal função é informar as pessoas, comunicá-las o que está acontecendo no bairro, na cidade e no mundo. Além de informar, o jornalismo também deve formar. O texto e o conhecimento ali contido precisam contribuir em algo para a vida e para a formação do cidadão. São diversas as responsabilidades adjacentes ao escrever uma matéria jornalística. Para ajudar na realização dessas tarefas, existem algumas formas preestabelecidas. Informar, buscar perguntas sem respostas e respondê-las, investigar, mostrar outras realidade: para todas as incumbências do jornalismo, há uma forma de fazer.

O fazer jornalismo está intimamente conectado com a linguagem que o caracteriza nos diversos meios de comunicação para o qual é feito. No texto informativo, é o padrão de linguagem delimitado que faz com que o leitor possa compreender notícias publicadas em veículos de diferentes linhas editoriais e localização geográfica, visto que a língua brasileira falada se diferencia entre os locais do país. Segundo Nascimento (2000), a língua portuguesa possui três níveis de linguagem, sendo utilizado no jornalismo o nível do coloquialismo, considerado intermediário entre a língua culta e a popular. Mesmo que o português seja o idioma oficial do Brasil, as

formas de falar são diferentes e sofrem diversas mutações entre as regiões do país; entretanto, apesar dessas diferenças, as notícias devem ser entendidas por todos. Portanto, para que o jornalismo consiga exercer sua função de maneira assertiva, é necessário que o repórter utilize a ordem direta da língua, respeitando a formação básica: sujeito, verbo e objeto. Essas configurações possibilitam que o leitor tenha facilidade de entender o texto de forma correta; caso contrário, a comunicação não será efetiva.

É nas primeiras aulas do curso de Jornalismo que o aluno aprende o conceito de *lead*, fórmula de construção básica do primeiro parágrafo da notícia em jornais impressos e online. Considerada a parte mais importante do texto, o *lead* deve informar ao leitor elementos básicos que constituem o acontecimento, que são: o que aconteceu, quem está envolvido no acontecimento, quando, onde, como e por que aconteceu. O *lead* permite que o repórter não perca informações importantes sobre o fato, além de conceder objetividade ao texto, possibilitando que o leitor receba a mensagem completa e correta.

O texto é um todo de significação e não uma mera “junção” de frases desconectadas. O pressuposto para a existência de um texto é a sua coerência, sua unidade de sentido, que deve ser entendida como uma amarração lógico-cognitiva, que possibilita o entendimento por parte do leitor (NASCIMENTO, 2009, p. 31).

Os preceitos do jornalismo são diversos e, durante o início da jornada nesse universo, cada dia reserva um novo padrão, uma nova regra ou formalismo. A análise rápida de qualquer texto jornalístico publicado deixará evidente os traços técnicos descritos aqui, além de tantos outros. Uma olhada mais profunda nas rotinas de produção jornalística poderá demonstrar outros aspectos ligados à práxis da profissão, os quais não cabem aqui. Algumas, ou várias, pessoas acreditam que regras são feitas para serem quebradas. Esses indivíduos se encontram espalhados por todos os lados e, claramente, alguns deles são jornalistas.

Na primeira metade do século XX - o período do modernismo - a objectividade jornalística imperou, condenando o jornalismo ao seu sentido mais útil, o que contribuiu para a marginalização do género jornalístico-literário nos Estados Unidos da América: este não era estudado, nem ensinado, nem objecto de crítica por romper com o conceito científico de objectividade, uma vez que recorria a formas de escrita literária (FARINA, 2011, p. 30).

---

O jornalismo literário surge a partir da década de 60 nos Estados Unidos, na forma de um movimento iniciado por jornalistas insatisfeitos com o ciclo vicioso do jornalismo diário. Foi em 1973 que Tom Wolfe escreveu o livro *Radical Chique e o novo jornalismo*, considerado o manifesto do jornalismo literário (Novo jornalismo ou *New journalism*) e utilizado como referência básica para os estudos do segmento. O manifesto inicia com uma retrospectiva e contextualização do comportamento dos repórteres da época. O autor começa a narrativa pelo nascimento do “Novo Jornalismo”, dando ênfase à atmosfera competitiva entre os jornalistas de reportagens especiais. Wolfe (2005) considera que para esses repórteres especiais o êxito e o triunfo final (razão pela qual apuravam fatos em condições perigosas) era conhecido como O Romance.

O Romance parecia um dos últimos desses grandes golpes de sorte, como encontrar ouro ou achar petróleo, com que um americano podia, do dia para a noite, num relance, transformar inteiramente seu destino. Havia inúmeros exemplos para alimentar a fantasia. Nos anos 30, todos os romancistas pareciam pessoas que explodiram para o estrelato vindas da total obscuridade (WOLFE, 2005, p. 17).

Parece, então, que o começo do *New Journalism* aconteceu graças aos sonhos dos repórteres daquele tempo, que eram alimentados pela atmosfera de plenitude alcançada através da literatura na época. Destemidos ao ponto de arriscar a vida por uma boa história, também foram ousados o bastante ao adotar, para o jornalismo, formas e características narrativas que antes só eram possíveis de existir no romance.

Em seu manifesto, Wolfe (2005) enumera quatro recursos básicos do Novo jornalismo: “construção cena a cena”, “registro completo de diálogos”, “apresentar cada cena ao leitor por intermédio dos olhos de um personagem particular” e, por último, registro dos hábitos subjetivos dos personagens, como maneiras, costumes, roupas, decoração, etc. O autor diz que esses são detalhes simbólicos que representam o *status de vida* da pessoa.

No Brasil, o jornalista e professor universitário Felipe Pena publicou, em 2006, o livro *Jornalismo Literário*, em que apresenta para o leitor uma explicação abrangente do que é o jornalismo literário, tratando-o como um gênero híbrido de jornalismo e literatura. A discussão sobre o jornalismo poder ou não ser categorizado como um gênero literário foi abordada em 1960 por Alceu Amoroso Lima em *Jornalismo como*

---

*gênero literário*. Hoje, há percepção e consciência de que jornalismo e literatura se misturam e se emprestam características em diversos pontos, tornando-se intrínsecos.

Pena (2011) apresenta o conceito da “Estrela de sete pontas”, como uma forma de produção, construção e características do texto de jornalismo literário. A primeira ponta da estrela trata de “potencializar os recursos do jornalismo”, que o autor explica como sendo o desenvolvimento de novas estratégias na produção de conteúdo para obter um produto melhor, ou seja, refinar o trabalho através da inovação, sem deixar de lado os princípios básicos do jornalismo. Em relação à segunda ponta da estrela, Pena discorre sobre a necessidade de romper com a periodicidade e trabalhar a realidade que ultrapassa o factual, mostrando que há notícias e histórias que merecem ser contadas, mas que escapam devido ao conceito de tempo utilizado no jornalismo.

A terceira e a quarta ponta da estrela são diretamente complementares, tratando, respectivamente, da ampliação da visão do acontecimento e do exercício da cidadania, voltadas para o modo que a abordagem pode contribuir para a formação do cidadão.

Romper com as correntes do *lead* é a quinta ponta da estrela. Como mostrado anteriormente, os jornalistas adeptos ao jornalismo literário criticam as amarras criadas para padronizar e dar objetividade ao texto. Também transgredindo as rotinas produtivas do jornalismo, a penúltima ponta da estrela é sobre evitar fontes oficiais e valorizar pontos de vista que nunca foram abordados. A sétima e última ponta é sobre permanência, ou seja, não permitir que o texto caia em esquecimento. Nesse momento, Pena (2011) critica o jornalismo diário em virtude de matérias que perdem o valor logo no dia seguinte à publicação, servindo somente para “embrulhar o peixe na feira” (p.13).

Pena (2011) destaca a dificuldade em analisar e classificar o produto resultante da união de dois discursos distintos: o jornalístico e o literário. Desde a Grécia Antiga, são feitas classificações de gênero, as quais são utilizadas ainda hoje, além de serem base para estudos de literatura. Por fim, o que se assume é que gêneros são mutáveis e transitórios. O mesmo se aplica para obras do jornalismo literário, pois podem condizer com uma ou mais classificações, pois “ao juntar elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose (PENA, 2011, p. 21)

---

## Linguagens e realidade

Colocar a mão no próprio peito, sentir o ritmo das batidas e compreender o que elas significam. Colocar a mão no peito de outra pessoa, não perceber ritmo e, no vazio, compreender um significado. O simples existir do ser humano comunica algo. Um som, uma pulsação, umas palavras e o silêncio comunicam. O homem enquanto ser social, complexo interna e externamente, afetado pelo meio e pelas demais variáveis de sua existência, possui a necessidade de ser compreendido e de compreender, sendo

...a linguagem que permite ao homem pensar e agir. Pois não há ação sem pensamento, nem pensamento sem linguagem. É também a linguagem que permite ao homem viver em sociedade. Sem a linguagem ele não saberia como entrar em contato com os outros, como estabelecer vínculos psicológicos e sociais com esse outro que é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente. (CHARAUDEAU, 2010, p. 7).

No prefácio do livro *Linguagem e discurso: modos de organização*, Patrick Charaudeau demonstra a importância da linguagem na vida do ser humano. Para o autor, a linguagem está além das regras gramaticais e das palavras do dicionário: ela é um fenômeno complexo produzido em um ato de comunicação.

A linguagem é uma atividade humana que se desdobra no teatro da vida social e cuja encenação resulta de vários componentes, cada um exigindo um “savoir-faire”, o que é chamado de competência. Uma competência situacional, pois não há linguagem que se produza fora de uma situação de comunicação (CHARAUDEAU, *ibidem*).

Segundo Paula Cristina Lopes (2010), é através do propósito de comunicar e da utilização da palavra como meio de trabalho que a literatura e o jornalismo se convergem em um mesmo ponto. Comunicar é o que gera cumplicidade entre a literatura e o jornalismo, mas ambas “diferenciam-se pela intenção do discurso” (p. 1). Para tanto, a literatura utiliza a língua de forma livre para produzir a narrativa ficcional, a mímese da realidade e, “mais do que a vontade de comunicação, a capacidade de significar” (CENTENO, 1986: 58 *apud* LOPES, 2010, p. 1). Já no texto jornalístico, a importância da palavra recai sobre o que se diz, sem a valorização do estético para o como se diz, não havendo espaço para usos de sentido conotativo. O leitor necessita compreender exatamente aquilo que está sendo dito; caso contrário, a “realidade” será alterada.

---

Para compreender linguagem, é necessário entender, em primeiro lugar, que a língua é um sistema de signos, “um conjunto organizado de elementos significativos” (PROENÇA FILHO, 1997). A língua, portanto, é um sistema de organização específica e complexa, formado por “um conjunto de subsistemas que se integram” (p. 21).

Não nos esqueçamos também que a língua, além de ser um conjunto organizado de valores, é, simultaneamente, uma instituição social, é a linguagem de uma sociedade. É constituída de elementos que têm um valor em si e um valor em relação aos demais (PROENÇA FILHO, id, p. 22).

O autor destaca que a língua também pode ser entendida como a “realização de uma linguagem, um sistema de signos que permite configurar e traduzir a multiplicidade de vivências caracterizadas do ser de cada um no mundo” (ibid, p. 22). Isso porque,

...a partir dela (*a língua portuguesa do Brasil*), criam-se realidades, num uso especial da linguagem, a arte literária; ao fazê-lo, os autores evidenciam atitudes individuais que singularizam os textos e, ao mesmo tempo, apresentam traços comuns que aproximam como representativos de um determinado momento da cultura e da arte literária no Brasil (ibid, p. 24).

O autor destaca o entendimento de que a linguagem é uma das formas de compreensão da realidade, tendo em vista que “o homem vive em permanente e complexa interação com a realidade e a apreende de várias maneiras, por exemplo, através dos sentidos” (ibidem, p. 16). Para Proença Filho (ibidem), cada pessoa tem seu ideal linguístico que se forma através do múltiplo repertório de possibilidades dispostas pela língua. Para a construção do discurso, os sujeitos escolhem a melhor forma de expressão que representem seus desejos, pensamentos e ideias.

Para Berger e Luckmann (2008, p. 57), a compreensão da realidade cotidiana acontece através da compreensão da linguagem: “a vida cotidiana é sobretudo a vida com a linguagem, e por meio dela, de que participo com meus semelhantes. A compreensão da linguagem é por isso essencial para minha compreensão da realidade da vida cotidiana”.

Partimos do pressuposto de que não há uma realidade e uma verdade absoluta. A sociedade é constituída das mais diferentes formas de realidade, ou seja: aquilo que é o contexto de realidade para uma pessoa pode não ser para outra. A existência de uma não anula a outra, elas apenas fazem parte de espectros diferentes de um plano geral. Conforme Berger e Luckmann (id, p.13), a realidade é socialmente relativa, pois “o que

é ‘real’ para um monge tibetano pode não ser ‘real’ para um homem de negócios americano”. Dessa forma, ao discutir a construção da realidade na perspectiva de Berger e Luckmann (id), Meditsch (2010, p. 14) atenta para que deve ficar claro que o jornalismo pode ser incluído entre os atores que contribuem significativamente para essa construção – tanto para a realidade objetiva quanto para a realidade subjetiva –, mas não como o único ator e nem mesmo como o principal.

O jornalismo não constrói a realidade, ele apresenta ao leitor um espectro e um ponto de vista sobre uma realidade. São produzidos conhecimentos e impressões sobre coisas, lugares, pessoas e fatos, mas dizer que a “realidade” construída pelo jornalismo é a única possível seria afirmar que as violências e acusações feitas às pessoas faveladas são legítimas e corretas.

Para quem só pode conhecer o mundo através do jornalismo, o que está nos veículos de comunicação é a verdade. Os fatos e conhecimentos traduzidos em reportagens são o que constituem o imaginário do real. Porém, os indivíduos da sociedade se comportam de maneiras diferentes, possuem gostos, rotinas e formas de consumo das notícias que são díspares. Somente com essa constatação é possível perceber que a realidade construída para cada um não poderia ser igual.

## **Metodologia**

A pesquisa de caráter qualitativo utiliza os procedimentos metodológicos de análise de conteúdo descritos por Bardin (2004), aliado às técnicas de análise de narrativa (GANCHO, 1995). O processo especificado por Bardin (ibid) possibilita buscar outras formas de análise concomitantemente. Por isso, neste trabalho, são utilizados métodos naturais do campo das Letras, como a narratologia. Dessa forma, é permitida a observação de conteúdos exteriores, como os contextos sociais, político e econômico, o que é considerado de suma importância para o presente trabalho. Para compreensão total do conteúdo abordado no objeto, é necessário considerar a narrativa para além do que está no texto.

A análise de conteúdo é uma técnica que consiste em descrever e interpretar o objeto de pesquisa, possibilitando compreender o conteúdo para além da leitura habitual. Por se tratar de um processo empírico, ela não pode ser aplicada com base em um modelo padrão, pré-definido. Portanto, a técnica é adaptável por definição e pode

ser utilizada por diversos campos de estudo. Com base nessa definição, a análise de conteúdo foi aliada à análise de narrativa na presente pesquisa.

No livro *Como analisar narrativas*, a autora Cândida Vilares Gancho inicia o texto destacando que contar histórias, narrar, é uma atividade praticada há muito tempo e por todos os tipos de pessoas. Todos os indivíduos desenvolvem algum tipo de interação com histórias, seja ouvindo ou contando, lendo ou escrevendo: “narrar é uma manifestação que acompanha o homem desde sua origem. As gravações em pedra nos tempos da caverna, por exemplo, são narrações” (GANCHO, 1995, p. 6). A autora diz que a “maioria das pessoas é capaz de perceber que toda narrativa tem elementos fundamentais, sem os quais não pode existir”. A narrativa é, portanto, estruturada sobre cinco elementos principais: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador.

O tema da presente pesquisa surgiu de uma leitura que a pesquisadora fez da obra anos antes do desenvolvimento do projeto da pesquisa pretendida para o trabalho final de graduação. A partir da percepção da linguagem incomum em relação ao que era conhecido até aquele momento, surgiu a intenção de compreender o papel daquela forma de contar os fatos. A análise foi, então, desenvolvida a partir de seis capítulos. Para fins do presente trabalho, será demonstrada a análise de um deles.

Para analisar os capítulos escolhidos, foram desenvolvidas duas tabelas. A primeira foi feita para identificar aspectos de construção da narrativa, que são: exposição, complicação, desfecho, personagem, ambiente, espaço, tempo e narrador. Na segunda tabela, foram levados em consideração os elementos encontrados em cada capítulo referentes à primeira tabela, a fim de compreender as seguintes questões: Há diferenças de linguagem nos capítulos? A linguagem implica algo à narrativa? Ademais, foi criada uma lista das gírias e “palavrões” citados no texto selecionado, além de um espaço em aberto para possíveis pontos de análise que não foram pré-determinados.

### **Do objeto – *Abusado***

Caco Barcellos nasceu em Porto Alegre em 1950, formado em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Foi taxista antes de se tornar repórter, tendo seu primeiro emprego como tal no jornal *Folha da Manhã*. Em mais de trinta anos de profissão, passou por veículos como *Veja*, *IstoÉ* e atuou como repórter do *Fantástico*, do *Jornal Nacional* e do *Globo Repórter*. Desde 2008, comanda o programa *Profissão Repórter*, transmitido semanalmente pela Rede Globo.

---

O jornalista é contemplado com dois prêmios Jabuti ao longo da carreira. O primeiro foi pelo livro *Rota 66 - A história da polícia que mata*, publicado em 1992, no qual Barcellos denuncia a Polícia Militar de São Paulo por manter um “esquadrão da morte”. O segundo Prêmio Jabuti que recebeu foi pelo livro *Abusado - O dono do Morro Dona Marta*, publicado em 2003, após anos de apuração. Por meio da vida do traficante Juliano VP, o livro-reportagem escancara a realidade vivida pelos moradores da favela no Rio de Janeiro. A narrativa inicia com a povoação do Morro Dona Marta pelos imigrantes nordestinos que, devido à extrema pobreza, construíram suas moradias no local, anos antes do nascimento do futuro chefe do tráfico. Paralelo e intrínseco ao crescimento e ao desenvolvimento do personagem principal está a vida em comunidade, a construção da cidadania dos moradores da favela. Tal cidadania se constitui apesar das péssimas condições de higiene, segurança e a precária infraestrutura.

No decorrer do texto, é possível observar que o autor faz uso de linguagens que fogem do padrão utilizado no jornalismo. Há passagens com o emprego das gírias e das marcas de linguagem oral praticada pelos moradores do Morro.

## **Análises**

### **Turma da Xuxa – Capítulo 3**

O capítulo em questão é um dos primeiros do livro. Nele, o narrador volta ao Rio de Janeiro da década de 80, período em que os principais personagens da narrativa são crianças ou adolescentes (não é especificada a idade de cada um em relação aos anos) e iniciam as primeiras descobertas, relacionadas desde a sexualidade até o preconceito e as diferenças sociais. O capítulo se passa nas ruas estreitas do Morro Dona Marta e nas areias das praias do Leme e de Copacabana, descrito pelo narrador como “um raro espaço democrático da cidade” (p. 51). O espaço é aberto e urbano.

“Turma da Xuxa” tem como principal função apresentar ao leitor quem são os personagens, quais são suas histórias e o contexto em que vivem. Estão presentes na construção da narrativa o uso dos “detalhes simbólicos”, descritos por Wolfe (2005) como indicativos do “*status* de vida” dos personagens, que possibilitam o sentimento de empatia.

### **A favela e o asfalto: um abismo que não escapa à linguagem**

Os jovens que tinham acesso a salário podiam utilizar parte do dinheiro para comprar produtos falsificados de marcas famosas. O narrador traz essa prática como algo frequente que fazia com que eles se sentissem mais próximos da classe média – ou integrantes dela. Para ficar mais parecidos com os jovens frequentadores das praias do Rio de Janeiro, os adolescentes da “Turma da Xuxa” passavam uma mistura química de água oxigenada e descolorante nas pernas e braços. Mais um truque para alcançar a aparência loira que predominava na extensão da areia. As praias, apesar de consideradas democráticas, representam o ambiente em conflito com os personagens moradores da favela.

A diferença estava, além da aparência física, no comportamento e nas brincadeiras, que também eram limitadas pelo que era aceito para se aproximar dos outros jovens. O narrador expõe que os modos extravagantes deviam ser reprimidos: “gargalhadas, brincadeiras de luta, futebol, frescobol, ginástica, guerra de areia ou de água eram consideradas atitudes excludentes, coisas de favelado” (BARCELLOS, 2014, p. 52).

Porém, mesmo com cuidados minuciosos com a aparência e com o comportamento, os jovens não sabiam que algo não poderia ser disfarçado. As diferentes formas de expressão linguística ainda não eram conhecidas por eles, que, desde crianças, foram acostumados com as gírias e os palavrões usados na favela. A linguagem não pode ser camuflada.

A relação entre Juliano e Haruno pode ter começado bem, resultado do ato heroico do jovem. Porém, a relação não durou mais do que um mês. O relacionamento foi condenado pelos amigos da jovem logo que souberam onde morava o namorado. O preconceito com moradores da favela fica escancarado para Juliano.

Os diálogos entre o casal são repletos de gírias usadas por Juliano. Bolado, gamado caô e os erros de pronúncia, como “atrântica” e “craro” demonstram a diferença de linguagem entre os personagens, o que aponta para a diferença socioeconômica, como podemos ver no excerto abaixo:

- Você disse que está **bolado** comigo. **Bolado?** O que significa?
- Adivinha!
- **Gamado**, apaixonado...

- 
- **Craro** que não, Haruno. É bravo, incomodado.
  - Não é **craro**. É claro, certo, Juriano?
  - Sem **caô**.
  - **Caô?**
  - Sabe o que é **caô** não, aí. Já é demais. Tu nunca **entrô** numa favela na sua vida, não?
  - Eu, não. Dizem que só tem bandido lá em cima...
  - **Apelá** não vale! (BARCELLOS, 2014, p. 53, grifo nosso).

A narrativa carrega um significado de que não seria possível a relação entre eles se a linguagem utilizada fosse outra. Fica a cargo do leitor compreender e interpretar o papel das gírias utilizadas por Juliano. O fim do relacionamento, que acontece através de uma carta escrita por Haruno logo após esse diálogo, é a primeira vez que Juliano tem sua vida diretamente prejudicada pela diferença de classes.

Ao analisar os trechos que tratam da infância e da sigla VP, fica clara a necessidade de utilizar tal linguagem. Ela representa uma caracterização importante dos personagens, os quais, mesmo antes do envolvimento com o tráfico, já faziam uso das gírias, o que comprova que elas sempre estiveram presentes e não têm ligação direta com o envolvimento criminoso. Tal uso também é justificado pelo fato de as gírias serem parte dos detalhes simbólicos que constituem a existência desses personagens.

Portanto, no capítulo “Turma da Xuxa”, a linguagem é importante para a construção da narrativa e da realidade, pois implica em algo à história. Ela é mostrada como um fator de distanciamento entre Haruno e Juliano. A escolha das palavras faz diferença no contexto e no relato, visto que não teria como suprimir a origem da sigla VP e explicar seu significado sem o uso de gírias e palavrões.

Tanto Juliano quando Haruno têm dificuldades em compreender a forma de falar do outro. Ela entende como errada a forma como Juliano fala, e ele, por sua vez, não entende como ela não conhece as gírias usadas por eles e seus amigos. É a linguagem que, por essência traduz as vivências, os espaços frequentados, a convivência limitada às pessoas que ocupam os mesmos locais na sociedade.

**Tabela 1: Análise do capítulo “Turma da Xuxa”:**

|                    |  |
|--------------------|--|
| <b>Exposição</b>   | Apresentação dos personagens                                 |
| <b>Complicação</b> | A descoberta das diferenças sociais                          |
| <b>Desfecho</b>    | Aberto   |
| <b>Personagens</b> | Juliano, Careca, Alen, Flavinho, Galego, Chiquinho, Germano, |

|  |   |
|--|---|
|  | Vico, Jocimar, Mendonça, Paulo Roberto, Mentiroso, Du, Claudinho, Haruno, Luz, Doente Baubau e Romerito.  |
| <b>Ambiente</b>                              | Favela<br>Morro<br>Praia de Copacabana  |
| <b>Espaço</b>                                | Aberto e urbano   |
| <b>Tempo</b>                                 | A passagem de tempo é cronológica, mas trata do passado dos personagens.<br>Anos 80   |
| <b>Narrador</b>                              | Terceira <span style="float: right;">pessoa</span><br>Não participa da narrativa  |
| <b>Diferenças de linguagem</b>               | Há diferenças de linguagem na narrativa. Aparece na relação entre Juliano e Haruno.   |
| <b>A linguagem implica algo a narrativa?</b> | Sim. A linguagem é mostrada como um fator de distanciamento entre Haruno <sup>1</sup> e Juliano.<br><br><sup>1</sup> Representa as classes econômicas mais altas. |
| <b>Gírias e palavrões</b>                    | Viado, Puto, Mermão, Doidão, Loucão, Boys, Bolado, Gamado, Caô, Apelá, Cafajestada, Trombadinha, Muquirana, Vagabundo, Grã-fina, Cumpadi, Cagá.                   |

## Conclusão

Explorar a linguagem da favela, com todos os palavrões e obscenidades que à primeira vista causam estranhamento, é uma forma de transportar o leitor para o convívio daquela população. É ecoar as falas e os pensamentos de uma sociedade invisibilizada e marginalizada – antes mesmo de ser de fato – dentro da mente de pessoas que participam da camada social que se faz de cega perante as desigualdades sociais.

E, apesar do que diz o personagem Hélio Vígio, não há gíria de bandido. Não há como fazer juízo de valor de uma pessoa pela forma como ela se expressa. O uso de gírias e a forma de falar são uma extensão das vivências e uma parte da cultura. Quem em um momento da vida não ficou *gamado*, *bolado* ou *doidão*. *É foda*, alguém disse.

---

Reconhecer que a linguagem é comum também a pessoas que vivem um cotidiano completamente afastado dos personagens da Santa Marta gera um elemento de identificação. Perceber marcas da oralidade no outro, socialmente distante, faz com que essa linguagem produza empatia, pois quem lê reconhece parte de si naquela fala.

Independente das expressões que são comuns em outros locais da sociedade, ela também aparece na narrativa como um fator de distanciamento entre personagens. A falta de compreensão por parte de alguns sujeitos tem efeitos na narrativa.

Portanto, a linguagem atua como uma representante do local, das vivências, da personalidade e dos sentimentos dos sujeitos, podendo ser um fator de aproximação ou distanciamento entre personagens. Para Juliano e Haruno, a linguagem e as dificuldades de compreensão representaram a oposição de suas realidades. Esse aspecto pode ser observado também na relação entre o “assessor” Chico Boca Mole e os repórteres que faziam a cobertura da guerra da Santa Marta. Assim como o episódio da entrevista de Juliano que, por causa ambiguidade da gíria “mato”, levou o traficante às capas de jornais e acabou sendo conhecido como um assassino, quando na verdade a declaração significava que ele era usuário de maconha. Em diálogos entre pessoas que convivem no mesmo meio – seja na Santa Marta, em outras favelas ou mesmo fora delas – não há divergências de linguagem, e ela não implica algo à narrativa.

Ignorar essa forma de comunicação tão presente e naturalizada no ambiente retratado seria negar parte da cultura, da personalidade e dos acontecimentos que cercam a trajetória dos personagens, como o anti-herói Juliano VP, visto que, se palavras como viado e puto fossem censuradas na narrativa, parte daquilo que caracteriza o personagem se perderia. Portanto, a forma de contar uma história, a escolha de palavras, determina também o sentido que está sendo produzido.

## REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Caco. **Abusado: O Dono do Morro Dona Marta**. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **Construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1978.

FARIA, Nídia Sofia. Jornalismo literário: um olhar histórico para o gênero e suas características. **Comunicação Pública**, n. Especial 01E, p. 29-44, 2011. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cp/210>>. Acesso em: 18 set. 2017.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 4. ed. São Paulo: Ática. 1993.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 3. ed. Barueri: Manole, 2004.

LOPES, Paula Cristina. **Linguagem literária e linguagem jornalística: cumplicidades e distâncias**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-lopes-cumplicidade.pdf>>. Acesso em: 4. abr. 2018.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, Marcia, FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 19-42.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Técnicas de redação em jornalismo: o texto da notícia**. São Paulo: Saraiva, 2009.

ORMANEZE, Fabiano. **O gênero perfil à luz dos valores-notícia: uma contribuição ao ensino de Jornalismo Literário**. In: 6º Encontro Paulista de Professores de Jornalismo, 2013, São Paulo. Anais do 6º Encontro Paulista de Professores de Jornalismo. São Paulo: FNPJ, 2013. v. 1. p. 1-15

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários**. 2. ed. Coimbra: Almedina, 2001.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita**. 12ª edição. São Paulos: Martins Fontes, 2003.

WOLFE, Tom; SIQUEIRA, José Rubens. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.